

A experiência de Cuba na saúde piracicabana

A médica cubana Yolaysi Frometa Torres fala sobre a vinda de cubanos à cidade pelo programa Mais Médicos

Daniele Ricci
danielericci@pjornal.com.br

Desde que começou a ser implantado no Brasil, o programa Mais Médicos, do governo federal, dividiu opiniões e foi alvo de muitas críticas, principalmente da classe médica brasileira. Piracicaba recebeu 25 profissionais, todos cubanos, atuando nas unidades de Atenção Básica e PSF (Programa de Saúde da Família), em bairros periféricos como Boa Esperança 1 e 2, Bosques do Lenheiro e Jardim Oriente. Entre eles, está a doutora Yolaysi Frometa Torres, 35, natural de Santiago de Cuba, uma cidade semelhante a Piracicaba dentro da ilha de Fidel, país com 11 milhões de habitantes. O Brasil é um dos 64 países para os quais Cuba — referência mundial em medicina e na relação médico-paciente, o que os brasileiros chamam de humanização — exporta seus profissionais como missão humanitária. Em sua carreira de 12 anos, Yolaysi atuou inicialmente em seu país como médica geral integral (clínica), depois trabalhou por quase quatro anos na Venezuela. Ela conta que, quando chegou àquele país, em 2010, tinha as mesmas informações que recebeu ao ser convidada a vir ao Brasil: havia clara oposição dos profissionais locais aos estrangeiros. “Aos poucos, percebi que as pessoas falam muito, mas as comunidades têm necessidades que podemos ajudar a atender. A preocupação do médico deve ser com a população”, disse, durante a entrevista para a série Persona. Simpática, simples, porém de poucas palavras, Yolaysi atua no PSF do Boa Esperança 1, um dos bairros mais carentes da cidade, onde ela acredita já ter conquistado a confiança da população.

É sua primeira vez no Brasil?

Sim, é minha primeira vez no Brasil. Cheguei em 30 de janeiro deste ano para trabalhar pelo programa Mais Médicos. Nunca vim passear aqui, mas tinha muita vontade de conhecer e já trabalhei em outros países. Fiquei quase quatro anos na Venezuela, como médica geral integral, que é o mesmo que clínica geral no Brasil.

Como foi a decisão de vir ao Brasil? O que a atraiu?

Gosto do Brasil, sempre quis conhecer este país. Os cubanos conhecem muito bem, falam muito bem daqui, sobre a cultura,

“São 64 países onde médicos cubanos atuam”

o samba, o povo, as novelas. Desde que nasci ouvia muitas histórias. Era meu desejo conhecer o Brasil por todas as coisas boas que falavam sobre ele. Por isso, achei que poderia ser interessante trabalhar aqui.

Quem a senhora deixou em Cuba?

Sou solteira e tenho uma filha de dez anos de idade, que ficou com minha irmã, minha família. Ela se chama Claudia Isabel e ficou porque precisa continuar estudando, não posso interromper os estudos dela.

Pretende trazê-la para o Brasil?

Eu não tenho interesse que ela pare de estudar em Cuba, pois o estudo é muito bom lá, prepara bem a pessoa e há muita responsabilidade dos professores para que os estudantes realmente aprendam bem. Sinto muitas saudades, mas trabalhando não dá para ir, vou esperar o mês de férias, a cada ano, para ver a família.

Cuba, como um grande centro de referência em

medicina, exporta médicos para o mundo todo. Esta é sua primeira oportunidade?

São 64 países onde médicos cubanos atuam. Minha primeira oportunidade foi para a Venezuela, onde trabalhei por quase quatro anos. Sou jovem, tenho 35 anos e 12 de formação, ainda não tive outras oportunidades. Quando fui para a Venezuela, fui com receio, porque também diziam que não desejavam os cubanos por lá, mas quando cheguei estava tudo certo, tudo tranquilo, não era como falavam. Por isso, quando decidi trabalhar no Brasil, fiquei tranquila. Às vezes as pessoas falam demais, eu queria experimentar.

“A preocupação do médico deve ser com a população”

Então, a senhora sabia sobre o posicionamento dos médicos brasileiros contra a vinda dos estrangeiros?

Escutei isso em Cuba, mas não me incomodou em nada. Foi minha decisão vir ao Brasil. Eu tinha trabalhado na Venezuela e voltei de lá, para Cuba, em outubro de 2013. Já sabia, tinha tomado conhecimento ainda na Venezuela, que havia essa possibilidade de cumprir missão no Brasil. Pedi para fazerem minha documentação, pois quis vir. Em dezembro, já estava arrumando minhas malas para viajar em janeiro.

Como foi recebida no Brasil?

Eu tive um acolhimento muito bom por parte da prefeitura e da Secretaria de Saúde de Piracicaba. No posto que estou, tudo é maravilhoso, gosto muito daqui, da equipe com que trabalho e da população. As enfermeiras, técnicas de enfermagem e agentes de saúde, são como se fossem da minha família. A população do bairro Boa Esperança é muito boa, sempre me motiva a ficar por aqui.

O Boa Esperança é um dos bairros mais carentes e de altos índices de criminalidade em Piracicaba. Já teve algum problema?

Sei disso e nunca tive problemas, nem aqui e nem na Venezuela, onde também trabalhei em bairros perigosos. A população me respeita muito.

Um médico que trabalha no exterior recebe mais do que o que atua em Cuba?

Em Cuba, continuamos recebendo nosso salário, com todos os direitos normais. O salário é fornecido à minha família, não tiram isso da gente, porque continuamos sendo trabalhadores do posto médico cubano, mas estamos prestando serviços em outro país. Quando eu voltar, continuarei tendo meu trabalho lá. É como se eu estivesse trabalhando em Cuba, mesmo estando no Brasil. O salário que recebemos do Brasil é parte repassado pelo governo cubano para nós. Portanto, temos um salário no Brasil para nos sustentar e outro lá em Cuba, para a família. Os valores são equivalentes, o

que varia é a moeda.

Qual o principal desafio em seu trabalho local?

A língua é o principal desafio. Falamos espanhol e há muita diferença. Temos um mês para aprender a falar e escrever, mas fazemos provas para ficar e atender no Brasil. O frio também é um desafio.

E quando não compreende o paciente ou ele não te entende?

Eu peço que falem mais devagar quando não o compreendo e, quando não me entendem, também repito de outra maneira, explicando com mais detalhes. Sempre pergunto se estão me entendendo. Se não compreenderem, procuro alguém por aqui para conversarmos.

Tem passado muito frio?

Cuba é muito quente. Minha cidade, Santiago de Cuba, fica no oriente do país, é muito quente e não faz esse frio que tem feito em Piracicaba esses dias. Cuba tem 11 milhões de habitantes, como São Paulo, mas é uma ilha, e Santiago é maior que Piracicaba, mas não sei quantos habitantes tem.

Como é a estrutura de saúde em Santiago?

É parecida com aqui. Tem consultórios onde fazemos consultas e prevenção de saúde. Tem policlínica, onde fazemos a assistência médica e há os especialistas. Além disso, temos hospitais particulares, tudo é para todos e de graça, não há nada particular.

Há quem defenda que quando o médico atua na própria comunidade, atende melhor por causa da familiaridade com a cultura do local. A senhora acredita que a diferença cultural é uma barreira a ser quebrada?

As particularidades são importantes para conhecer melhor a saúde da população, mas os problemas são parecidos em todo lugar e a cultura do Brasil e de Cuba são também muito parecidas.

Muitos dos críticos aos médicos estrangeiros, desconhecem as necessidades reais das comunidades carentes. Quais os problemas principais do Boa Esperança?

O principal problema que temos aqui são a drogadicção e os moradores de rua. São problemas que afetam a saúde. Também temos muitos hiper-



Isabela Borghese/JP

tensos e diabéticos. Quando passo uma informação médica, a população costuma se cuidar.

A pressão das críticas faz aumentar sua responsabilidade?

Aumenta minha responsabilidade, mas não fico preocupada. Faço consultas, visitas domiciliares, faço meu trabalho com tranquilidade.

Dizem que os médicos cubanos têm a melhor relação médico-paciente do mundo. Como se define essa relação?

É muito boa essa relação realmente. Aqui também temos boa relação, não tenho problemas. Faço a anamnese, os exames físicos e tenho uma conduta que acredito que todo médico deve ter. Não conheço o trabalho dos médicos brasileiros para apontar diferenças, mas considero que deva haver igualdade entre médicos e pacientes, como deve ser com todas as pessoas.

Qual foi sua primeira impressão sobre a estrutura do posto onde trabalha?

Tem uma estrutura boa, muito parecida com a que temos em Cuba, tem quase todos os equipamentos completos, não falta nada para meu trabalho. Sobre as pessoas, até agora tudo está dando certo, os pacientes são gratos, carinhosos e me tratam muito bem.

Como é sua rotina de atendimentos?

Planejamos 16 atendimentos pela manhã e outros 16 à tarde e às vezes não chegamos a ter todos esses. Temos um dia para atender as crianças, para grávidas, para doentes crônicos e para acolhimen-

to também. Os principais problemas aqui são hipertensão e diabetes, a alimentação é uma dificuldade, eles têm maus hábitos alimentares.

Qual a diferença da estrutura médica de Cuba e do Brasil?

Em Cuba, a população é menor, o atendimento é mais rápido, por isso atendemos menos pessoas por dia. Primeiro, pela quantidade de médicos, são muitos os formados em Cuba e todos com o mesmo princípio, que é o de satisfazer a necessidade da saúde do povo cubano. Temos um número de

“A língua é o principal desafio. Falamos espanhol e há muita diferença”

terminado de médicos para a população, terminam o curso e já têm emprego seguro. Há mais médicos por paciente, temos menos pacientes e conhecemos melhor a saúde deles. Lá, as principais doenças também são hipertensão e diabetes. Tudo é para todos e de graça.

O que achou do custo de vida em Piracicaba?

Muitas coisas têm custo alto, a comida não custa tanto, mas todas as outras necessidades, como roupas e principalmente moradia em Piracicaba, são bem caras.

Vê seu futuro trabalhando no Brasil?

É uma missão, pelo prazo de três anos. Depois, volto para Cuba e posso ir para outro país, se houver oportunidade. Gosto de trabalhar fora.

Tem muitos colegas que vieram ao Brasil? Chegou a trocar experiências de trabalho com eles?

Eu não conhecia os cubanos que vieram para Piracicaba também, mas aqui conversamos sobre o trabalho no dia a dia, trocamos informações.

Tem muitos colegas médicos atuando em outros países?

Tenho sim, em muitos países. Cuba exporta médicos para 64 países. Eu queria trabalhar no Brasil, queria conhecer aqui e por isso optei. Depois, se houver oportunidade, quero ir para o Equador.

E os Estados Unidos?

Em missão, não há cubanos nos Estados Unidos. Aquele

país nunca aceitou ajuda solidária de Cuba, mesmo quando aconteceu o (tornado) Katrina, que acabou com grande parte do país, oferecemos ajuda, mas eles não aceitaram.

Como era sua vida em Cuba?

Normal. A diferença é que lá estamos com a família, na nossa cidade, conhecemos tudo. Aqui, não conhecemos Piracicaba, é tudo mais caro, temos medo dos lugares serem perigosos.

Sente saudades de sua terra? Pensa em trazer a família?

Sim, sinto saudades da cidade, da família, da minha filha. Mas não dá para trazer agora, ainda estamos resolvendo a situação de moradia em Piracicaba. Mesmo assim, não tenho intenção de trazer minha família, talvez para passear apenas.

Como é a formação médica cubana?

Acho que é parecida. Em Cuba, estudamos medicina por seis anos, depois mais dois anos de residência, com especialização para médico geral e integral e já trabalhamos.

Fazer medicina é igual em qualquer lugar? As pessoas têm a mesma dor?

É a mesma coisa. Todo paciente tem seus problemas, mesmo que não sejam as mesmas doenças, são as mesmas reclamações.

A senhora conhece médicos brasileiros atuando em Cuba?

Há estudantes sim, mas médicos eu desconheço. Quando terminam a Escola Panamericana de Medicina, depois de seis anos, e optam pela especialização, fazem em Cuba, mas depois voltam para seu país. Não conheço nenhum brasileiro trabalhando como médico lá.

Há demora por atendimento ou exames em Cuba?

Em Cuba, em pouco tempo pode-se fazer exames, ultrassom, porque as policlínicas são equipadas para esse atendimento. Exames se faz no dia, o resultado é rápido, se o exame é de urgência e a médica indica hoje, o paciente faz e em uma hora temos o resultado para avaliar o problema. Quando temos análise de rotina que não são urgentes, já no dia seguinte temos o resultado. Em Cuba, tudo é rápido, é feito para todos.



GRABINHO